



APRESENTAÇÃO

LUIZ MANOEL DA SILVA OLIVEIRA
ROBERTO FERREIRA JUNIOR
SHIRLEY DE SOUZA GOMES CARREIRA

Luiz Manoel da Silva Oliveira

Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2007.

Professor Associado do Curso de Letras Língua Inglesa e Suas Literaturas da UFSJ (Universidade Federal de São João del-Rei) e docente permanente do Programa de Mestrado em Letras da UFSJ.

Membro pesquisador docente do grupo de pesquisa Poéticas da Diversidade, da UERJ.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2078850561648563>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4011-4059>.

E-mail: luizmanoel@ufsj.edu.br.

Roberto Ferreira Junior

Pós-doutorado em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2023.

Professor de Literatura em Língua Inglesa do Departamento de Línguas e Letras (DLL) e do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo.

Pesquisador do grupo de pesquisa GELA – Grupo de Estudos de Literaturas Anglófonas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6541139444783096>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3759-0123>.

E-mail: rjunior68@gmail.com.

Shirley de Souza Gomes Carreira

Pós-doutoramento em Literaturas de Língua Inglesa.

Doutora em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2000.

Professora Associada do Curso de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ.

Líder do grupo de pesquisa Poéticas da Diversidade, da UERJ. Pesquisadora do grupo de pesquisa Vertentes do Fantástico na Literatura.

Membro do Grupo de Trabalho ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7147623689731561>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>.

E-mail: shirleysgcarr@gmail.com.

Nas últimas décadas, escritoras e escritores de diversas partes do Atlântico Negro têm retornado ao passado escravista não como um exercício nostálgico, mas como um gesto ético, político e estético de reinscrição. Ao recuperar e reinventar a estrutura e os temas das *slave narratives*, eles os têm transformado em espaços de reivindicação da subjetividade e de reconstrução da memória histórica.

As chamadas neonarrativas de escravidão operam, assim como o que Toni Morrison descreveu como “uma espécie de arqueologia literária”, ou seja, uma necessidade de reconstruir, pela via da imaginação, a história e a vida de afro-americanos cujas existências foram ignoradas nos registros históricos dominantes, para testemunhar “a vida interior de pessoas que não escreveram [sua história] (o que não significa que não a tinham)” e para “preencher as lacunas que a narrativa de escravizados deixou” (Morrison, 1995, p. 192–193). Morrison argumenta que os relatos de escravizados eram, muitas vezes, moldados por convenções literárias e pressões externas, limitando a

capacidade dos autores de expressar plenamente a interioridade e a subjetividade de suas experiências. Como consequência, muitos deles preferiram permanecer em silêncio sobre muitas coisas e “esquecer” muitas outras (Morrison, 1995, p. 91).

Vindo ao encontro do que Morrison afirma sobre as restrições experimentadas pelas autoras e autores dos relatos de escravizados dos séculos XVIII e XIX na América do Norte, podemos rememorar o fato de que muitas daquelas histórias eram tuteladas por abolicionistas brancos e, naturalmente, influenciadas pelo seu crivo estético e senso político, no sentido de tornar as histórias as mais utilitárias possível, causar comoção e angariar a simpatia do máximo de leitores para a causa abolicionista. Tal circunstância fez com que não somente as narrativas de escravizados tivessem que seguir muitas fórmulas, mas também, como observa James Olney (1984), o seu caráter autobiográfico tenha se problematizado. Para Olney (1984, p. 52), aquelas narrativas, mesmo de diferentes autores e autoras, “voltavam-se todas para uma mesma realidade bem objetiva, tinham leitores bem definidos, mantinham em seus bastidores um grupo de ‘patrocinadores’ e eram imbuídas de razões e intenções muito bem compreendidas” pelos seus escritores, patrocinadores e público leitor, com o firme propósito de se denunciarem as atrocidades da escravidão e de se provocar a abolição, em última instância (Olney, 1984, p. 52).

Ora, já no que tange às neonarrativas de escravidão na contemporaneidade, o seu *status* tem contornos bem menos restritivos e muito mais multifacetados, configurando um subgênero literário no qual muitas mulheres escritoras têm se aventurado. Nesse sentido, Morrison afirma que, como escritora negra e mulher

atuando no “último quarto do século XX” (p. 91), pouco mais de um século após a Emancipação, sua tarefa é distinta daquela enfrentada pelos autores do passado. Para ela, escrever significa “rasgar o véu lançado sobre ‘procedimentos demasiadamente terríveis para serem relatados’” (Morrison, 1995, p. 91), tornando visível aquilo que a história oficial preferiu ocultar. A autora destaca que esse gesto não é apenas pessoal, mas político e coletivo; trata-se de um exercício indispensável para qualquer indivíduo negro ou pertencente a grupos marginalizados, justamente porque, como ela observa, “raramente fomos convidados a participar do discurso, mesmo quando éramos o próprio tema” (Morrison, 1995, p. 91). Assim, sua escrita se transforma em um esforço de reposicionamento ao reabrir arquivos, expor lacunas e reclamar o direito de narrar o que por tanto tempo foi negado. Nesse sentido, “rasgar o véu” significa reivindicar a própria agência histórica e identitária, contestando estruturas que tentam impor limites às experiências dos marginalizados. Em última instância, esse gesto implica trazer à superfície histórias apagadas, distorcidas ou deliberadamente esquecidas, recusando qualquer tentativa de tornar mais palatável a brutalidade do passado. É, portanto, um chamado para uma literatura politicamente engajada, que denuncia e confronta, em vez de proteger o leitor do desconforto necessário.

Ao discutir as neonarrativas, Ashraf Rushdy descreve esses textos como obras ficcionais nas quais uma personagem afro-americana contemporânea é obrigada a assumir uma perspectiva dupla no tempo, revelando tanto as continuidades quanto as rupturas em relação ao período escravista. Nessas obras, o presente é sempre construído sobre um pano de fundo em que o passado foi apagado, mas permanece ainda perceptível, ou seja, uma narrativa

palimpséstica (Rushdy, p. 8, 1999). Como lembram Anim-Addo e Lima, revisitar a escravidão no século XXI significa enfrentar silêncios, fraturas e arquivos instáveis, produzindo narrativas palimpsésticas que articulam passado e presente, trauma e sobrevivência, apagamento e reinscrição. Tal movimento, antes concentrado nos Estados Unidos e no Caribe, expandiu-se para a África, para a Europa e, de modo decisivo, para a América Latina e o Brasil, onde a escravidão deixou marcas profundas na formação social e cultural do país.

É nesse horizonte teórico e político que se insere o presente dossiê do *Caderno Seminal*, composto por nove artigos e uma entrevista, todos rigorosamente avaliados e selecionados. Juntos, esses textos demonstram que as neonarrativas de escravidão constituem hoje um campo transnacional, polifônico e interdisciplinar, capaz de articular questões como memória, necropolítica, subjetividade negra, diáspora, violência de Estado, feminismo negro e rememoração comunitária.

O dossiê se inicia com o artigo de Ana Carolina Morais de Souza e Paulo Henrique Pressotto, intitulado “Palimpsestos da servidão: neonarrativas de escravidão e domesticidade racializada em *Solitária*”, que investiga como o romance de Eliana Alves Cruz revela a permanência da servidão doméstica como herança direta da escravidão. A análise destaca o espaço do “quartinho”, a linguagem da falsa afetividade e a estruturação racializada do serviço doméstico.

Na sequência, Leonardo Júnio Sobrinho Rosa, em “Eu, Tituba: representações do sujeito diaspórico em neonarrativas da escravidão”, revisita o romance de Maryse Condé para destacar como a autora cria uma contra-história que devolve voz, genealogia e interioridade à personagem Tituba. O artigo enfatiza a articulação entre identidade diaspórica, gênero e espiritualidade.

Lidiele Batista Nogueira e Roberto Ferreira Junior, no artigo intitulado “Racializando o fantasma: spectralidade e neonarrativas de escravidão em Morrison e Ward”, discutem como as figuras fantasmáticas em *Amada e Sing, Unburied, Sing* funcionam como presenças sociais que exigem justiça, revelando traumas que se recusam a permanecer enterrados.

O texto de Maria Marcia Silva, “Torto Arado: busca e construção de identidade”, investiga como o romance de Itamar Vieira Junior articula terra, espiritualidade e comunidade para expor os vestígios da escravidão na vida rural contemporânea. A identidade, aqui, emerge como construção coletiva, marcada por lutas, silêncios e vínculos ancestrais.

Seguindo o percurso, Paulo Sá Jr., em “The cartography of diasporic identity in Bernardine Evaristo’s *Lara*”, examina a fragmentação formal, a multiplicidade de vozes e a reconstrução genealógica que estruturam o romance-poema de Bernardine Evaristo, revelando uma cartografia literária das identidades negras transatlânticas.

O artigo de Rafael Batista da Silva, “Arquivos de escravidão: rastros dos crimes do Cais do Valongo”, apresenta um estudo sobre o Rio de Janeiro como palimpsesto histórico, em que o Cais do Valongo aparece como arquivo vivo da escravidão, revelando camadas de violência e apagamento. O autor demonstra como a literatura contribui para reinscrever essa memória na paisagem urbana.

Roberto Ferreira Junior, em “A nova *plantation*: neonarrativa de escravos e necropolítica em *O reformatório Nickel*”, analisa *O Reformatório Nickel*, de Colson Whitehead, como ficção que expõe a continuidade da lógica escravocrata na instituição carcerária juvenil. O reformatório aparece como espaço necropolítico, estrutura em que o Estado administra vidas e mortes de jovens negros, reinscrevendo, sob outra forma, a violência da *plantation*.

O texto de Shirley de Souza Gomes Carreira e Luiz Manoel da Silva Oliveira, intitulado “*A travessia do rio: uma leitura à luz do conceito de neonarrativa de escravidão*”, reflete sobre as águas como metáfora da diáspora, explorando deslocamentos, rupturas e passagens que conectam e desestabilizam identidades. O rio funciona como símbolo do que se move, do que retorna e do que não se fixa, imagem potente para pensar a condição diaspórica.

Na sequência, em “Corpo escravizado, alma livre: misoginia e empoderamento na personagem feminina do conto Alma, de Itamar Vieira Junior”, Sylvania Núbia Chagas investiga como os impactos da violência escravocrata atravessam o corpo negro, mas não esgotam sua potência espiritual. A autora enfatiza que, mesmo submetido a regimes de brutalidade, o corpo escravizado guarda estratégias de sobrevivência e de dignidade que escapam à lógica do controle colonial.

Fecha o volume a entrevista de Shirley de Souza Gomes Carreira com Nara Vidal. A conversa percorre temas como colonialidade, maternidade negra, dor, arquivo e criação literária, ampliando o escopo do dossiê ao trazer a perspectiva da escritora que habita e recria esse território de memória. Conjunto diverso e rigorosamente articulado, este dossiê reafirma que as neonarrativas de escravidão não constituem apenas um subgênero literário, mas um gesto político e imaginativo. Em cada estudo aqui reunido, a literatura aparece como forma de desestabilizar o esquecimento, interrogar o presente e imaginar futuros em que a memória não seja apenas peso, mas também possibilidade.

REFERÊNCIAS

ANIM-ADDO, Joan; LIMA, Maria Helena. The power of the neo-slave narrative genre. In: *Callaloo*, Baltimore, n. 1, v. 41, p. 1-8, 2018. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/736806>. Acesso em: 28 nov. 2025.

MORRISON, Toni. The site of memory. In: ZINSSER, William (ed.). In: *Inventing the truth: the art and craft of memoir*. 2.ed. Boston; New York: Houghton Mifflin, p. 83-102, 1995.

OLNEY, James. "I Was Born": Slave Narratives, Their Status as Autobiography and as Literature. In: *Callaloo*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, n. 20, p. 46-73, 1984.

RUSHDY, Ashraf. *Neo-slave narratives: studies in the social logic of a literary form*. Oxford: Oxford University Press, 1999.